



“O CANSAÇO”

Marcos Vinícius Rebelo*

Alguma coisa me aconteceu, já não posso mais duvidar. Sinto *isso* (que ainda não sei o nome) se manifestando no meu corpo através do cansaço. Começou com a sobrecarga da escolha durante os momentos de ócio, com a liberdade que me foi imposta. Tento combatê-lo, porém o seu chamado silencia as outras vozes desesperadas. Corta todas elas enquanto gritam por socorro.

Quando criança, era claro o que fazer fora da escola: jogar futebol com os amigos de classe, brincar na rua ou assistir à televisão. Agora, o escasso tempo livre deve ser recheado de leituras técnicas produtivas, de corridas matinais na chuva e de aventuras ocasionais. Mas eu não as quero. Odeio-as em sua totalidade.

Eu as odeio ou o Cansaço (creio que esse seja um bom nome para *isso*) me faz odiá-las? Ainda me sinto pleno em minhas faculdades mentais. Enxergo certa ordem no mundo. Por exemplo, as raízes das árvores servem para o sustento do vegetal. Talvez o desgosto com essas atividades seja propriamente meu. Mas por que já não me ocupo com o que antes me aprazia?

Acordo do devaneio e fecho o registro do chuveiro. O relógio marca 07:55. Ainda me restam cinco minutos antes de começar a trabalhar. O computador está na cozinha ao lado da torrada com margarina que me aguarda. Seco-me com a toalha que lavei ontem e visto-me com as roupas mais confortáveis que tenho. Faz frio, então não posso abrir a janela. Ligo a luz do meu quarto para não me sentir em total escuridão.

8:00: As notificações e e-mails começam a aparecer enquanto mastigo a primeira mordida de alimento. O próprio ato de saborear uma refeição dignamente me foi tomado. As demandas são entregues e espera-se que essa irre realidade seja cumprida até o fim do dia. Ela será cumprida, contanto que eu sacrifique meu horário de almoço.

A tela de fundo da área de trabalho do computador mostra imagens aleatórias, porém uma me capta a atenção. É uma rua ladrilhada com casas coloridas. Centralizado no quadro está uma arquitetura tipicamente portenha. As cores parecem estar vivas sobre a imagem em seu

contraste com a natureza morta que as rodeia. Faz frio. A varanda está aberta e uma pessoa assiste a todos. Não, não é uma pessoa. Ainda assim me sinto como se alguém estivesse me assistindo.

Todos riem e tiram fotos em família, mas o Cansaço volta. Faz muito frio. Quero um lugar para sentar. Mas se eu o fizer, todos me olharão com repúdio. Por que não estou sentindo a mesma alegria que todos sentem ao caminhar aqui? Já sinto os músculos da minha perna saltarem e obrigarem-me a sentar, ainda assim tenho que continuar a apreciar essa bela vista.

Faz um frio extremo. Por que todos me julgam neste instante em que os olhos se voltam para mim? Ninguém mais ri. Mas eu sou livre para sentar neste café que me aquece minimamente. Sinto os músculos da minha perna relaxarem enquanto acendo um cigarro. Admiro a paisagem novamente, com calma. Ninguém está olhando para mim. Todos riem novamente.

Durante a primeira tragada, eu me entrego ao Cansaço. Apenas existo neste momento e neste local de frio moderado. A brisa que vem é tão suave que me obriga a tirar um dos agasalhos. Faz parte da ordem natural do mundo que todos sejam felizes ou é permitido escolher se sentir cansado aqui e agora?

Uma nova notificação aparece na tela do computador. Preciso urgentemente voltar a trabalhar nestas planilhas. A reunião matinal, como sempre, seguiu um rumo meramente protocolar, com instruções diretas e pré-programadas a serem seguidas pelos trabalhadores da empresa.

Todos os movimentos de mouse e teclas pressionadas sofrem monitoramento. Não posso passar mais de três segundos longe do meu posto de trabalho. Todas as metas precisam ser atingidas, sem questionamento. Minha função é automatizada, sem propósito, sem sentido, sem atalho.

Executo minha função mecanicamente. Preparo balanços, calculo encargos sociais, registro as operações financeiras da empresa. Todas as metas precisam ser atingidas, sem escolha. Meus dedos preenchem tabelas com números e dados sem necessidade para o universo. Meus dedos preenchem as tabelas ou as tabelas são preenchidas pelos meus dedos?

Há um número que me incomoda. É o 8 na célula D7. Por que ele é tão redondo? Desvio o olhar dele e vejo o quarto composto de paredes brancas, com luz muito clara, janelas fechadas, uma escrivaninha cor de creme, uma cadeira de escritório comum preta, o piso vinílico, mas algo me chama a atenção. Reviso toda a tabela, mas algo me chama a atenção. Por que ele é tão redondo? Não aparenta ter uma natureza intencional, porém eu o pus aí. Ou ele foi posto por mim?

A redondeza do 8 contrasta com a rigidez quadriculada da planilha em minha frente e isso me incomoda profundamente. Esse detalhe imprevisto me faz sentir uma

* Graduando de Letras – Espanhol pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é Instrutor de Inglês e vem explorando a área de tradução entre Inglês e Espanhol.

forte dor atrás dos olhos que interrompe toda a análise genérica que eu vinha fazendo até aqui. Não sei se os três segundos de tolerância que tenho já se passaram, mas não consigo parar de olhar para esse desafio às leis naturais. O Cansaço se manifesta novamente, entretanto eu não posso atendê-lo agora. Preciso escapar deste número.

E se ele estiver causando essa estranheza? E se não sou eu quem olha para o número, mas o número que olha para mim? Tento buscar em desespero o propósito dessa célula existir. Ao mesmo tempo, o Cansaço grita mais. Seu machado está cada vez mais afiado. Lembro-me do café em Buenos Aires e da primeira tragada que dei naquele cigarro. Qual o propósito de um cigarro?

Olho ao redor. A luz fria no teto ilumina meu apartamento vazio. A xícara de café frio pela metade e a escrivanhinha cor de creme. Tudo parece subitamente desprovido de propósito. A luz não precisava ser dessa cor. O café poderia não ter sido passado hoje. O relógio poderia marcar qualquer hora. Mesmo assim o mundo existiria perfeitamente. Nada disso é necessário. Nada disso precisava ser como é.

A redondeza desta simples célula assume um caráter puramente arbitrário, sem uma ordem ou propósito de estar aí. Ela apenas está. Ele apenas existe. As raízes das árvores não precisam servir para o sustento do vegetal. Elas simplesmente o fazem. O sistema de monitoramento da empresa e ela mesma não precisam existir. Nada faz sentido.

Era isso que o Cansaço quis me dizer o tempo todo? Volto ao cigarro portenho e decido que não quero resistir mais. Deixo-me afundar nele com indiferença. A dita ordem natural das coisas é um padrão temporário organizado pela arbitrariedade dos seres. Aquela liberdade que me foi imposta se revela como absoluta e inescapável. Nada tem sentido.

Isso significa que eu tampouco tenho razão de existir. Todas as obrigações que eu tive ao longo da vida foram desnecessárias por natureza, até mesmo a clareza do que fazer fora da escola quando criança. Durante todo este tempo, eu fui livre para escolher o caminho da minha vida. Nada precisa ter sentido.

Olho pela janela e vejo a chuva cair. Cada gota segue sua trajetória aleatória até o encontro com as demais na superfície do vidro. Não há um padrão necessário ali, apenas a soma de incontáveis aleatoriedades.

Volto, finalmente, à planilha. Muito mais do que três segundos se passaram durante meu encontro com o Cansaço. No entanto, agora percebo que o trabalho é, no fundo, uma série de tarefas arbitrárias que executo em troca de um salário no fim do mês. Ele não me define mais, pois não o deixo me definir. Eu não sou definido por ele.

Olho novamente o 8 na célula D7. Ele continua redondo demais. Mas talvez essa redondeza já não me ofenda tanto. Ou talvez eu só tenha cansado de me incomodar. Num universo absurdo e sem sentido predeterminado, tanto faz criar significados ou não. É no próprio absurdo, e na revolta silenciosa de continuar existindo apesar dele, que encontro uma paz inquietante.

O sol atravessa a janela, mas ainda não me aquece. Sinto que algo em mim resistirá até o fim, mesmo sem saber exatamente o quê. No céu, nuvens desenhavam padrões indecifráveis, mas eu me esforço para encontrar um formato. Não por ela ter naturalmente um desenho, mas pela minha liberdade de atribuir-lhe um.

O sol brilha como se nada tivesse acontecido. Talvez seja isso que mais me acalma. Ou que mais me assusta. Talvez essa paz seja apenas uma pausa. Mas por ora, deixo que ela me engane.